

Sistematizações
Cursos e Diálogos Feministas

Feminismo negro e feminismo antirracista

Lorem ipsum



Universidade
Livre Feminista

Sistematizações Cursos e Diálogos
Feminismo negro e feminismo antirracista

Coordenação editorial: Guacira de Oliveira Cesar e Carmen Silva

Texto: Beth Ferreira

Revisão: Guacira de Oliveira Cesar

Projeto gráfico e editoração: Cristina Lima

Realização:

Universidade Livre Feminista e Fórum Cearense de Mulheres/AMB

A Universidade Livre Feminista é uma ação colaborativa apoiada pelas organizações CFEMEA - Centro Feminista e Estudos e Assessoria, Cunhã - Coletivo Feminista e SOS Corpo - Instituto Feminista para a Democracia.

Imagens (capa e contracapa): Fonte freepik

Ícones redes sociais:

 Logotipo vetor criado por saragnzalez - br.freepik.com

www.feminismo.org.br

O conteúdo desta publicação pode ser reproduzido e difundido desde que citada a fonte.

**Feminismo
negro e
feminismo
antirracista**



Brasília, 2019

APRESENTAÇÃO

Este é o primeiro ebook de *Sistematizações: Cursos e Diálogos*. A ideia das sistematizações é, de um lado, apresentar parte da riqueza do que têm sido os processos formativos realizados pela Universidade Livre Feminista ou por organizações parceiras que utilizam nossa plataforma virtual; de outro, marcar nossos dez anos de existência.

Com estas publicações, pretendemos construir uma memória de nossas experiências pedagógicas e debates na Plataforma de Formação Feminista. Não temos a pretensão de fechar questões, mas, ao contrário, abrir espaços para novas discussões e construções coletivas do pensamento feminista.

Nossa perspectiva, a intenção é reunir o que esses processos educativos revelam sobre os feminismos e o que eles apontam de questões e desafios para a transformação das relações sociais, políticas, econômicas e culturais, considerando nossos princípios político-pedagógicos, construídos coletivamente com a Rede de Colaboradoras da Universidade Livre Feminista ao longo desses dez anos.

Esta é a primeira semente desse processo de sistematizações, que está só começando com a partilha dos aprendizados e questões do *Diálogo Virtual Feminismo Negro e Feminismo Antirracista*.

Boa leitura!

DIÁLOGO VIRTUAL

Feminismo negro e feminismo antirracista

O Diálogo Virtual sobre “Feminismo negro e feminismo antirracista” foi uma iniciativa que partiu do Fórum Cearense de Mulheres em conjunto com a Coletiva de Luta Antirracista da Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB). O Diálogo, que teve apoio da CESE-Coordenadoria Ecumênica de Serviços, foi realizado na Plataforma da Universidade Livre Feminista, aconteceu entre abril e junho de 2016. Dele participaram mais de trinta ativistas da AMB, de diversos estados e regiões, para uma reflexão coletiva sobre os desafios de se construir um feminismo antirracista por um movimento de mulheres multirracial e pluriétnico.

A metodologia dos Diálogos Virtuais é um desdobramento dos Diálogos Feministas, iniciados pela *Articulación Feminista Marcosur* (AFM) e vem sendo aprimorada pela Universidade Livre Feminista há alguns anos para o ambiente virtual. Eles consistem em rodadas de reflexão e debate, em torno de um determinado tema ou conjunto de questões que desafiam o feminismo. Por cerca de quarenta e cinco dias um grupo de trinta a cinquenta mulheres se encontra virtualmente na

Plataforma de Educação Feminista. Para estimular o diálogo e a troca de ideias entre as participantes, uma ou duas pessoas são convidadas a apontar inquietações, fazer provocações, agitar determinados assuntos ou questões para estimular a conversa entre as participantes. Ao final, faz-se uma síntese das principais questões refletidas e debatidas pelo grupo e pode-se apresentar novas que emergiram para serem encaradas noutra momento.

A seguir, apresentamos uma síntese das principais discussões feitas durante o Diálogo “Feminismo negro e feminismo antirracista”, que teve como educadoras/provocadoras Beth Ferreira e Francisca Sena, ambas integrantes do Fórum Cearense de Mulheres/AMB.

Nos (re)conhecendo (primeiras provocações)

– Quem somos? De onde viemos? Onde estamos? Que feminismo construímos?

Como todas as atividades educativas da Universidade Livre Feminista, esta foi iniciada com uma rodada de questões para que as participantes pudessem se apresentar e (re)conhecerem umas às outras. Para isso, foi pedido que cada uma dissesse: seu nome, cor-raça-etnia, onde vivia, do que gostava ou não gostava, de que grupos e/ou movimentos fazia parte e partilhasse um pouco de seu ativismo/militância feminista. Neste caso, o convite foi para dizer onde e como o feminismo de cada uma se encontrava com o feminismo negro (como pensamento teórico-político ou como movimento social das mulheres negras) e/ou com feminismo

antirracista (que pode envolver tanto mulheres negras como não-negras), partilhando um pouco de suas vivências, inclusive do ativismo político.

Ao final da rodada, as educadoras sintetizaram o debate: As opressões históricas que nós mulheres enfrentamos cotidianamente, mesmo antes de aprendermos a nomeá-las, acontecem num contexto de um país estruturalmente racista, patriarcal, capitalista e heteronormativo. Estão, por isso, profundamente interligadas e influenciam preponderantemente toda a nossa existência e permanência no mundo. Dependendo do nosso pertencimento a uma determinada classe social ou a uma raça-etnia, são estabelecidas, além de diferenças, as desigualdades entre nós. Para as mulheres negras, além das imposições sexistas, desde a infância experimentam a invisibilidade, a rejeição, a exclusão, o não-lugar, a referência com o que é feio, incapaz, inferior, justificado pelo racismo. Nas narrativas, exemplos não faltaram, principalmente na família, no ambiente educacional, na comunidade/bairro. Os relatos sobre o cabelo crespo, como sempre, se sobressaem, pois ele é um dos símbolos da identidade negra, mais cruelmente atacado.

A partir dessas vivências partilhadas foi possível perceber, também, que as mulheres negras foram aprendendo a exercer no cotidiano suas resistências, rebeldias, a conquistar espaços e a reinventar suas próprias histórias. Construir-se e assumir-se negra na vida e na luta!

Juntas, compreendemos que, de uma forma complexa e nada linear, vamos construindo identidades como sujeitos políticos individuais e coletivos, em relações permeadas de inquietações e tensões; nos dando conta de que, embora tenhamos muito em comum, “nós mulheres”, além

de sermos diferentes, vivemos em condições desiguais. Nessa perspectiva, o feminismo negro, nas últimas décadas, tem explicitado essas desigualdades e questionado que determinados movimentos feministas, em suas leituras e militância, seja pela ausência ou secundarização da voz/vivência das mulheres negras, acaba por reproduzir o racismo. E quando não reproduz, não percebe a centralidade da luta antirracista na desafiante tarefa que é transformar o mundo pelo feminismo. Mas uma questão ficou bastante evidente: a nossa auto-organização política é símbolo de resistência e tem sido geradora de aprendizados, reflexões, ações e, sobretudo, de muita luta.

Mulheres negras foram aprendendo a exercer no cotidiano suas resistências, rebeldias, a conquistar espaços e a reinventar suas próprias histórias.

Segundas provocações

– O que é, para nós, feminismo negro? O que sabemos sobre o feminismo negro? É a mesma coisa ou é diferente do feminismo antirracista? Quem são os sujeitos feminismo negro e quem são os sujeitos do feminismo antirracista?

Esse conjunto de questões, instigantes e inquietantes, nos conduziu à segunda roda de reflexões, na qual aprofundamos o debate e trocamos ideias sobre o que são o feminismo negro e o feminismo antirracista e

onde eles se encontram e/ou se desencontram, especialmente dentro da AMB. Na síntese desta segunda rodada a educadora destacou: “Percebe-se que há um consenso em torno da ideia de que tanto o feminismo negro como o feminismo antirracista partem da compreensão de que o racismo é elemento central na estruturação das desigualdades sociais, políticas e econômicas. Neste sentido, entende-se que toda luta por transformação social exige o enfrentamento ao racismo nestes termos: estrutural”.

Houve ainda o entendimento comum de que uma diferença elementar entre feminismo negro e feminismo antirracista é o “sujeito”. No feminismo negro, o sujeito político é constituído pelas mulheres negras; no feminismo antirracista, tanto podem ser mulheres negras como não negras. No caso, um feminismo antirracista, embora seja feito também por mulheres não negras, rejeita-se a suposta igualdade entre nós mulheres, valorizando e reconhecendo a experiência própria de ser negra como elemento essencial tanto para a organização das mulheres negras, como também para o pensamento e a ação feminista de enfrentamento do ao racismo.

No debate, outras diferenças também foram destacadas entre o feminismo negro e outras formas de feminismo, como a forma de organização das mulheres, as metodologias de trabalho, os referenciais de conhecimento (que no feminismo negro são construídos de forma “afrocentrada”), rompendo com a centralidade da racionalidade ocidental, comum no pensamento feminista clássico. A cultura e a ancestralidade africana, assim como a resistência histórica (não essencialista) das mulheres negras, são base do feminismo negro, tanto como movimento

organizado por mulheres negras como também enquanto pensamento sistematizado, isto é, como teoria política. Neste caso, destacou-se a importância do “pensamento feminista negro”, construído por várias teóricas feministas negras que pensam a realidade das mulheres negras, mas também problematizam as relações raciais, que são permeadas por outras relações sociais (especialmente as de classe e de gênero), econômicas, e políticas.

No final desta roda de diálogo, também foi colocado em debate o lugar da religiosidade e da religião no feminismo, refletindo especialmente sobre as religiões de matriz africana. Embora algumas tenham destacado que dentro destas também existem machismo e práticas patriarcais (com interdições diversas às mulheres), há um forte entendimento de que estas têm papel central na afirmação da identidade negra e no resgate de uma espiritualidade que foi, ao longo da história, negada e massacrada pela sociedade ocidental, patriarcal e branca. Daí, que para muitas mulheres negras, o “reencontro” com as religiões de matriz africana lhes oportuniza o lugar de sujeito em suas comunidades e grupos. No entanto, nem por isso se pode deixar de lado o fato de que questões centrais para os movimentos feministas encontram resistências e conflitos também (e mais ainda nas religiões cristãs) nas religiões de matriz africana, como é o caso do direito ao aborto, por exemplo.

Terceiras provocações:

– Por que, a um movimento misto de mulheres, interessa ou importa discutir o feminismo negro? Que implicação esse debate tem com a

Um feminismo antirracista, embora seja feito também por mulheres não negras, rejeita a ideia de uma suposta igualdade entre nós mulheres, valorizando e reconhecendo a experiência própria de ser negra.

transformação que queremos ver no mundo e que queremos viver na nossa experiência, como mulheres negras e brancas? Qual o lugar das mulheres brancas na construção do feminismo negro e do feminismo antirracista?

Na terceira e última rodada de reflexões, o debate foi focado na Articulação de Mulheres Brasileiras, dialogando sobre porquê, para um movimento multirracial e pluriétnico de mulheres, importa discutir o feminismo negro. O que nos inquieta e nos instiga nesse debate? O que significa nos afirmarmos como uma “Articulação feminista antirracista” e como isso se coloca (ou não) na nossa prática política? Qual é o “lugar” de um movimento feminista misto na luta contra o racismo? E como é ou deveria ser sua relação com os movimentos de mulheres negras? Partindo dessas questões, as educadoras sistematizaram o debate, pinçando as postagens das participantes sobre todos esses temas.

– Por que, para a AMB, interessa ou importa discutir o feminismo negro?

Porque o feminismo negro nos ajuda a compreender o racismo como estruturante das relações sociais e a entender como isso rebete na vida das mulheres negras. O feminismo negro contribui para afirmar uma nova identidade política, decorrente da condição específica de ser mulher negra. Assim, o feminismo negro afirma o lugar de sujeito das mulheres negras e constrói para estas um espaço próprio de reflexão, debate, conhecimento, autoconhecimento e auto-organização. Um espaço para poder falar o que se sente abertamente, refletir juntas, elaborar as próprias pautas e atuar como sujeito político coletivo.

Porque o feminismo negro tem sido responsável por dar várias chacoalhadas no chamado feminismo clássico, trazendo novas reflexões e práticas para todo o movimento feminista. É especialmente a partir dele que temos questionado o eurocentrismo do feminismo tradicional e buscado transformar as práticas racistas que também estão inseridas no nosso feminismo. Diante do mundo em que vivemos, onde as identidades são múltiplas, a luta antissistêmica e interseccional, que considere para além das questões de gênero, as questões étnicas, raciais e de classe, se torna uma luta plenamente transformadora e revolucionária das tradições patriarcais, racistas e classicistas que estruturam nossa sociedade.

Porque a AMB é um movimento feminista antirracista misto, que conta com muitas mulheres negras (a maioria) e indígenas, mas também porque ela tem um projeto político feminista que é antissistêmico, que visa pôr fim a todas as desigualdades. E a luta contra o racismo é central para a desestruturação das desigualdades que organizam e hierarquizam nossa sociedade.

- O que significa nos afirmarmos como uma "articulação feminista antirracista"? Como isso se coloca na nossa prática política?

Significa compreender o racismo como estrutural e estruturante e compreendê-lo dentro de uma totalidade e, portanto, impossível de ser apartado de qualquer luta, mesmo que esta não apareça tão fortemente, a princípio, imbricada com o racismo. Mas significa também reconhecer que ainda temos que aprofundar a nossa compreensão coletiva sobre o racismo e como ele se imbrica com o patriarcado e o capitalismo na história do Brasil. Que temos que fazer lutas concretas de enfrentamento ao racismo e que temos que colocar o combate ao racismo em todas as nossas lutas.

Ser um movimento antirracista tem a ver também com a postura, o respeito e a afirmação política do sujeito coletivo feminista que vive e fala do lugar de quem sofre diferentes dimensões do racismo. Significa ter, em vários momentos, espaços específicos que congreguem as mulheres negras, no interior da AMB, como reuniões e oficinas específicas, para a reflexão e a formulação de pautas de luta; articular a presença de mulheres negras liderando processos internos e externos nas ações locais e nacionais; impulsionar ações que estimulem a autoconfiança das mulheres negras; ter espaços mistos (de mulheres negras, brancas e indígenas) para a formulação da crítica do racismo na sociedade e nas políticas públicas.

Significa pensar as contribuições do pensamento feminista negro e de sua luta política como forma de afirmação das mulheres negras enquanto sujeito político. Sem medo de que isso possa nos dividir, mas

compreendendo as singularidades de ser mulher, de ser mulher negra, lésbica, heterossexual etc. Implica pensar esta diversidade, de forma que ela se revele em nossa ação política, em nossas pautas e lutas feministas cotidianas.

– Qual é o “lugar” de um movimento feminista misto na luta contra o racismo?

O lugar de qualquer movimento social é aquele em que ele se coloca politicamente ao longo da história como sujeito. Isso não está dado a partir apenas de discussões, mas da ação. A AMB tem construído um lugar político de movimento antirracista, apoiando e/ou participando das articulações e mobilizações autônomas de mulheres negras (como a Marcha das Mulheres Negras, mais recente, ou a participação nas conferências de políticas de enfrentamento ao racismo, mais antigas), apoiando ações como os encontros de mulheres de terreiro, mobilizações locais nos bairros que são de maioria negra, apoiando coletivos que integram os agrupamentos estaduais que fazem ação antirracista nas comunidades. Assim, o nosso lugar é e deve ser o de um movimento misto que luta efetivamente contra o racismo, buscando dialogar com as questões e lutas das mulheres negras e refletindo criticamente sobre o reconhecimento que é dado ao feminismo eurocentrado e suas pautas. Nosso lugar é o de valorizar fontes negras do feminismo e reconhecer e denunciar os privilégios brancos dentro da sociedade racista.

– Como é ou deveria ser nossa relação com os movimentos de mulheres negras?

Este é um grande desafio para nossa luta política. Porém, a experiência com a construção de várias ações, como a Marcha de Mulheres Negras, permitiu perceber que os movimentos de mulheres negras são nossos parceiros diretos na luta feminista.

A AMB tem tentado construir uma relação de colaboração mútua e de apoio à liderança das mulheres negras nos processos de enfrentamento ao racismo, sem se eximir da responsabilidade que tem, sendo um movimento antirracista e misto quanto à raça. Um exemplo desta responsabilidade é a campanha “Prenda o racismo e solte seu cabelo”, que foi articulada pela Coletiva de Luta contra o Racismo da AMB. Esta foi uma campanha muito importante, que muitos agrupamentos trabalharam com ela. Em Pernambuco, um novo grupo de mulheres negras foi criado a partir da campanha, o Cabelação.

No entanto, isso não deixa de lado a importância de termos um olhar de cuidado para essas relações, fazendo e repactuando acordos para desconstruir a tensão em torno da questão de apropriação do discurso e invisibilidade do sujeito mulher negra. Não é uma construção simples, mas possível. É importante compreender que o inimigo das mulheres negras não são as feministas brancas, mas o patriarcado e o racismo que sustentam o capitalismo neoliberal. Por outro lado, as mulheres brancas precisam reconhecer seu lugar de privilégio numa sociedade racista e fazer uso dele para denunciar o racismo e as desigualdades estruturais que organizam a sociedade e o Estado. Só assim poderemos estar unidas e fortes para seguir nessa luta cotidiana.

Outras inquietações

– O que ainda une as mulheres dentro do feminismo, diante (e/ou apesar) de tantas especificidades? É possível ainda encontrar esse ponto de interseção?

A partir das questões em torno das diversas especificidades das mulheres (negras, indígenas, brancas, lésbicas, periféricas etc.) a serem consideradas no feminismo, foram feitas algumas provocações instigantes, como “o que ainda une as mulheres dentro do feminismo”? Foi e seguem sendo nossas lutas concretas, respondeu uma das participantes.

Quando estamos numa luta por algo, ela nos unifica, e decidimos juntas como enfrentá-la. Às vezes, é difícil ver isso, porque tem muitos debates que não tratam da vida cotidiana dos movimentos, de fazer lutas, de enfrentar antagonistas, tem debates que só falam do que “deve ser”. Daí, ficamos meio perdidas em torno de tantas divergências. Mas é preciso, e urgente, superá-las. Nossos inimigos (os sujeitos que se beneficiam do sistema racista-patriarcal-capitalista) são fortes e organizados. Precisamos nos unir para enfrentá-los.

Por último foi colocado que ainda é necessário aprofundar o debate sobre qual é ou deveria ser a centralidade das nossas lutas. É o enfrentamento ao racismo? O enfrentamento ao sexismo e ao patriarcado? Ou é como as relações sociais de raça, de classe e de gênero, bem como a heteronormatividade, se articulam na nossa análise e, sobretudo, na construção da luta política feminista antirracista e anticapitalista?

Mas esta conversa ficou para outro momento...



UNIVERSIDADE LIVRE FEMINISTA

Quem somos?

Criada em 2009, a Universidade Livre Feminista Universidade Livre Feminista é uma ação coletiva e colaborativa, que promove a reflexão, a troca de ideias, vivências e experiências entre mulheres de diferentes origens, identidades e campos de atuação, articulando sujeitos da luta feminista, antirracista e anticapitalista. Através de atividades presenciais e virtuais, desenvolve processos contínuos de formação política feminista, visando fortalecer a ação política coletiva das mulheres, para que estas possam ser sujeitos de suas vidas e da luta para a construção de uma sociedade justa e igualitária. Utiliza uma metodologia que busca adaptar para o ambiente EaD (Educação à Distância) elementos da práxis educativa feminista, levando em consideração as diferentes realidades das mulheres, valorizando as vivências e experiências de cada uma.

Até 2017 a maioria de nossos processos de formação era realizada apenas online – através da Plataforma de Formação Feminista (Moodle). A partir de 2018, iniciamos, em parceria com coletivos e movimentos de mulheres das várias regiões do país, processos de formação feminista em formato semipresencial (com etapas EaD e outras presenciais). Estes processos têm mostrado resultados muitos positivos, dentre os quais, uma maior participação e envolvimento das educandas com os cursos, tanto nas suas atividades virtuais como presenciais; um aumento de aproximadamente 200% no número de participantes concluindo os

cursos; e maior engajamento e aumento de militantes em vários dos movimentos e coletivos parceiros nos cursos.

Outra linha de ação é a “Comunicação para fortalecer as lutas feministas”, contando para tanto com um site, canais de vídeos no Vimeo e no Youtube e canais nas redes sociais: Facebook, Instagram e Twitter. Nessa linha, destacamos as parcerias com as Blogueiras Negras e Blogueiras Feministas. Nos dois últimos anos, também começamos a atuar mais fortemente na promoção da “segurança digital para a militância feminista”, realizando várias atividades, dentre elas o lançamento da Guia de Segurança Digital Feminista, em parceria com outros coletivos de mulheres, como o MariaLab e Blogueiras Negras que atuam no campo do cyberativismo e da tecnologia digital.

A Universidade Livre Feminista hoje está ancorada no Centro Feminista de Estudos e Assessoria - CFEMEA, em colaboração com outras duas organizações feministas, a CUNHÃ - Coletivo Feminista e o SOS Corpo - Instituto Feminista para a Democracia. No entanto, como projeto colaborativo, ela é composta por mulheres que integram sua da Rede de Colaboradoras – um grupo que de 32 ativistas feministas, que atuam em diversos espaços (educadoras, artistas, trabalhadoras de ONGs, professoras universitárias, ativistas de movimentos, comunicadoras, entre outras) e que, voluntariamente ou eventualmente contratadas, realizam as ações e atividades de seus projetos.



Universidade
Livre Feminista

feminismo.org.br



[@ulivrefeminista](https://www.instagram.com/ulivrefeminista)



[universidadelivrefeminista](https://www.facebook.com/universidadelivrefeminista)



[@Ulivrefeminista](https://twitter.com/Ulivrefeminista)



[Youtube/universidadelivrefeminista](https://www.youtube.com/universidadelivrefeminista)



vimeo.com/tvfeminista



SOS CORPO
Instituto Feminista
para a Democracia

